

11355 - Interdisciplinaridade e educação ambiental (EA) no curso superior de tecnologia em agroecologia do IFB

FIAMONCINI, Diane Ivanise¹

¹ Instituto Federal de Brasília - *Campus Planaltina*, diane.fiamoncini@ifb.edu.br

Resumo: O presente relato de experiência se refere à aplicação de uma unidade curricular denominada Educação Ambiental no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Brasília. As reflexões suscitadas da análise do processo pedagógico desenvolvido levam à percepção de que mudanças devem ocorrer na matriz curricular do Curso como um todo, objetivando a interdisciplinaridade e a inclusão da dimensão ambiental nas demais unidades curriculares. O horário de planejamento semanal coletivo parece ser o primeiro passo.

Palavras-Chave: educação ambiental, interdisciplinaridade, agroecologia

Contexto

Este relato objetiva refletir sobre a prática pedagógica que ocorreu no Curso Superior de Tecnologia em Agroecologia, do Instituto Federal de Brasília, na unidade curricular de Educação Ambiental (EA), no segundo semestre de 2010 e primeiro semestre de 2011. Pretende-se com esta análise crítica o desenvolvimento de reflexões e possíveis soluções a respeito da inclusão da dimensão ambiental, de forma interdisciplinar, nas demais unidades curriculares do Curso.

Em 2009, quando a equipe de docentes planejou a composição da matriz curricular do Curso que iniciaria em 2010, houve consenso que Educação Ambiental era primordial num curso de Agroecologia¹. A Agroecologia nos remete a pensar na sustentabilidade, não somente dos agroecossistemas no sentido ecológico, mas nos contextos social, econômico, cultural e político sobre a agricultura, entendendo os agroecossistemas como sistemas socioecológicos, conforme Gliessman (2009), assim sendo, a EA, dentro deste contexto, serviria para a reflexão a respeito da sustentabilidade.

De acordo com a Lei 9.795/99, que dispõe sobre a EA e institui a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), nos cursos de formação e de especialização técnico-profissional, deve ser considerado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas. Considerando a relação da EA com a sustentabilidade e que o Curso citado é técnico-profissional e que para tal se requer conhecimentos históricos, específicos e reflexões sobre os pressupostos filosóficos que estão subjacentes à EA, optou-se por oferecê-la como unidade curricular.

1 Entendida aqui como “uma nova abordagem que integra os princípios agrônômicos, ecológicos e socioeconômicos à compreensão e avaliação do efeito das tecnologias sobre os sistemas agrícolas e a sociedade como um todo. Ela utiliza os agroecossistemas como unidade de estudo, ultrapassando a visão unidimensional – genética, agronomia, edafologia – incluindo dimensões ecológicas, sociais e culturais” (ALTIERI, 1998).

Descrição da Experiência

A forma como a disciplina de EA foi trabalhada teve como objetivos gerais compreender a emergência de novas epistemologias socioambientais e identificar e compreender o paradigma científico moderno e suas conseqüências para a educação e para a Agroecologia. Foram desenvolvidas as seguintes atividades: discussão sobre o que é educação e meio ambiente; desenho e análise sobre a compreensão de meio ambiente; apresentação dos principais acontecimentos históricos relacionados com a história da educação ambiental no Brasil; leituras e discussão de textos sobre: EA, desenvolvimento sustentável e sociedades sustentáveis, consciência ecológica e formação de sujeitos ecológicos²; acompanhamento de vídeos sobre o paradigma moderno e a crise socioambiental do Planeta; e produção de textos pelos discentes com análise coletiva da disciplina.

Resultados

Em relação à primeira atividade o questionamento principal suscitado coletivamente foi porquê toda educação já não é por si só ambiental. Também se identificou a questão dos valores que perpassam o processo educativo, que levou a uma reflexão: que sociedade teríamos caso os valores sobrepujantes fossem outros que não somente a questão do ter, ao invés do ser?

Quanto aos 51 desenhos produzidos: 15 não continham a presença humana: sete eram paisagens naturais sendo dois com cachoeiras, três com rio (um deles com o Rio São Francisco e a caatinga) e dois com praia, outros cinco apenas com o planeta Terra (sendo que um apresentava um disco voador e outro o planeta pela metade), um era uma rede interligada de pontos, um era um caracol e outro era um círculo com uma interrogação. Continuando a descrição 12 desenhos possuíam objetos ou construções realizados por seres humanos, mas sem incluí-los. Objetos como edifícios, fábricas poluindo o ar, lixo, casas, iglus, escolas, carros, caminhões, estradas, sinais de trânsito, antenas de comunicação, cercas envolvendo animais ou plantações, postos de petróleo e guarda-sol. E 24 desenhos incluíram os seres humanos: dez, com seres humanos sem ação ou conexão com o resto e quatorze deles, onde os seres humanos aparecem em atividades: jogando futebol, de mãos dadas com outros, andando de carro sozinho, pescando, se aquecendo ao redor de uma fogueira, atirando flechas em animais, serrando árvores, namorando, tomando banho de cachoeira, surfando, brincando em parque de diversões, nadando no rio, montando a cavalo e brincando num balanço. A análise dos desenhos levou a reflexões importantes: o ser humano faz parte do meio ambiente? Em fazendo parte, como ele se relaciona com os demais seres? A conclusão principal foi que cada um percebe e compreende o meio ambiente de forma diversa, sendo a relação ser humano ⇔ natureza também diferenciada. Houve a percepção de ações destrutivas por parte do ser humano, porém, em nenhum momento foram desenhadas ações em prol do meio ambiente.

2 O “sujeito ecológico”, segundo Carvalho (2004), seria “um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica. O ideal de ser e de viver em um mundo ecológico se vai constituindo como um parâmetro orientador de decisões e escolhas de vida que os ecologistas, os educadores ambientais e as pessoas que aderem a esses ideais vão assumindo e incorporando, buscando experimentar em suas vidas cotidianas essas atitudes e comportamentos ecologicamente orientados.”

A parte histórica foi apresentada por grupos que periodicizaram desde a década de 60 até a atualidade. Os estudantes tiveram dificuldades para a realização do trabalho em grupo, o que resultou em algumas sugestões: elaborar e restringir o roteiro do que cada grupo deveria abordar. Algumas atividades criativas foram desenvolvidas como a apresentação de teatro, com a encenação num supermercado sendo que o objeto principal era uma máquina de alterar preços, período em que todos compravam e estocavam alimentos, fato ocorrido nos anos 80, devido à inflação. Houve também apresentações de músicas de época e da cultura brasileira com danças coreografadas. A linha condutora da atividade fez com que os estudantes percebessem que a questão ambiental começa a ser valorizada em determinado período histórico, fruto de uma percepção mais acurada de que a poluição interferia nos ecossistemas e na vida dos seres humanos. Questões como esta começaram a fazer parte dos discursos governamentais e a serem inclusas nas legislações dos países, culminando no momento vivenciado em sala com esta unidade curricular.

Dos textos apresentados aos discentes apenas um foi criticado pela maioria dos estudantes, por apresentar catástrofes e previsões de desastres provocados por ações antrópicas. Alguns defenderam que essa era a realidade. A aversão às catástrofes é instigante para futuras pesquisas, qual meio ambiente desejamos e qual realidade vivemos? Os demais textos foram aceitos para análise e discussão. Destes, os autores foram Lucie Sauvé, Michelle Sato, Isabel Cristina de Moura Carvalho e Gustavo F. da Costa Lima. Os objetivos das leituras foram: alertar para a origem histórica de certas palavras, apropriadas por diferentes atores sociais; que a consciência ecológica enfrenta obstáculos e desafios; e que o sujeito ecológico possui um novo estilo de vida, com um núcleo de crenças e valores que apontam para uma práxis ecológica de ser, com pensamentos e idéias diferentes, que se vê e observa os demais de modo diferente, que repensa as relações entre os seres humanos e destes com os demais seres vivos.

Dos vídeos assistidos, “Ponto de Mutação”, com direção de Bernt Capra, na análise coletiva da disciplina, foi considerado interessante para reflexões, embora cansativo. O outro vídeo “Morrendo em Abundância”, de Yorgos Avgeropoulos, também foi considerado interessante e suscitou o convite a uma palestrante para explicar como o mercado de ações se relaciona com questões como: fome mundial e segurança alimentar.

A necessidade de atividade prática no decorrer das aulas foi demandada pelos estudantes como atividade importante e necessária.

Por último, dentre os textos elaborados pelos discentes tornou-se relevante a crítica que relaciona a interdisciplinaridade com a EA, argumentado por uma aluna:

[...] Falando um pouco sobre educação ambiental e a contradição da matriz curricular de Agroecologia, a educação ambiental vem mudar o paradigma de uma educação fragmentada e propor uma educação interdisciplinar, mas ao mesmo tempo esta disciplina está solta, sendo estudada sozinha na Agroecologia. [...] Entendo que a disciplina de Educação Ambiental é separada na matriz curricular para ser bem visualizada e ser remetida a críticas, para ser mais bem pensada, questionada, para ser bem aplicada.

A reflexão nascida do texto da aluna corroborou a já nascente necessidade sentida pela Coordenação e pelo Colegiado do Curso de que se deveriam buscar soluções para

proporcionar a interdisciplinaridade entre as unidades curriculares. Deveriam existir momentos de discussão e formação dos docentes, que permitissem o envolvimento no planejamento curricular de forma integrada. No que tange à inserção da dimensão ambiental, este tipo de atividade torna-se imprescindível. O primeiro passo foi a solicitação por parte da Coordenação do Curso de um horário de planejamento semanal coletivo para discussão entre os docentes.

O segundo passo seria o de incluir nestas discussões a preocupação diagnosticada pelos discentes, em relação à EA, já que práticas educativas articuladas e compromissadas com a sustentabilidade implicam mudanças na forma de pensar e de agir, devendo privilegiar o diálogo e interdependência das várias formas de saber.

Em relação à questão das mudanças um aluno assim se expressou:

[...] para mim a agroecologia, por exemplo, é algo que está em consonância com esta busca externa, e assim procuro me inserir profissionalmente nesta área. Ao mesmo tempo, percebo que para uma mudança efetiva é também necessária a transformação interna [...] Além disso, acredito que as escolhas que fazemos definem nosso papel como agentes da mudança ou de resistência à mudança, e nesta perspectiva, além das grandes escolhas (estudo, trabalho, onde morar, etc), as pequenas escolhas também contam, como o que consumir e o que não consumir, evitar desperdícios, as pequenas ações do dia a dia, que muitas vezes se tornam rotineiras e acabamos por realizá-las automaticamente sem nos questionarmos.

Pelo exposto algumas alterações devem ser efetivadas no âmbito do Curso para que efetivamente a interdisciplinaridade se enraíze e a temática ambiental se alastre por todo currículo do curso. O desafio para os docentes é compartilhar a complexidade das questões ambientais, sociais, econômicas e políticas que remetem à Agroecologia, o que requer atenção, investigação, curiosidade, abertura às múltiplas inter-relações e interações e dimensões da realidade, disponibilidade e capacidade para o trabalho em equipe.

Agradecimentos

Agradeço aos estudantes das duas turmas com as quais trabalhei na Unidade Curricular de Educação Ambiental e aos docentes que colaboraram revisando o texto.

Bibliografia Citada

ALTIERI, M. **Agroecologia a dinâmica produtiva da agricultura sustentável** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008.

GLIESSMANN, S. R. **Agroecologia processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.